

The book “Simply Being” by James Low has had these chapters translated into Portuguese by João Vale Neto in May 2018

Capítulo 8. A indicação direta da experiência da budeidade que está além de qualquer classificação *por Nuden Dorje Dropen Lingpa Drolo Tsal*

Capítulo 9. O Caminho Natural e o caminho da delusão *por Padma Sambhava*

Capítulo 13. O tesouro das canções (por Sarah)

A indicação direta da experiência da budeidade que está além de qualquer classificação¹

A seção que trata do ensinamento da grande perfeição pura e primordial pertencente ao ciclo de ensinamentos muitos secretos da dakini retiradas da *Composição da verdade essencial e profunda*.

O ensinamento Dzogchen forma parte dos tesouros (gTer-Chhos) descobertos por Nuden Dorje Dropen Lingpa Drolo Tsal na metade do século XIX. Nuden Dorje passou a maior parte da sua vida na zona oriental do Tibet e mais tarde viveu em Khordong Gonpa, em Kham Trehor, que havia sido fundado por Sherab Mebar, um discípulo de Padma Trinlé que, por sua vez, havia sido discípulo do quinto Dalai Lama. Nuden Dorje foi reconhecido como o renascimento de Ke’u Cheng Lotsawa, um discípulo direto de Padmasambava, de quem recebeu este ensinamento.

O texto começa da forma tradicional nyingma, com uma advertência para abandonar o samsara e a continuidade, segue o ensinamento sobre como utilizar a meditação de uma deidade como caminho até o estado natural. Aqui, o dzogchen se apresenta como uma afirmação do estado natural e não como um sistema exclusivo; para o estudante, qualquer método é válido se o auxilia a entrar em seu próprio estado verdadeiro de liberdade inata, posto que o dzogchen começa no momento em que se entra nele. Desta maneira, a esperança da salvação e o desejo de evitar o sofrimento do samsara são ambos úteis para ter uma atitude de orientação preliminar e também como parte de um caminho integrador que não é caminho. Nesta abertura pluralista o excludente, a hierarquia, a totalização e todos os outros métodos que impõem uma ordem, não são necessários, nem, tão pouco, problemáticos.

¹ Texto apresentado e traduzido por James Low (1998) do tibetano para o inglês e compilado como o capítulo 8 do livro *Simply Being*. Em 2018, João Vale o traduziu para o português, com agradecimentos ao apoio da versão em espanhol realizada por Marta Pérez-Yarza (2009).

Na segunda página da tradução, Nuden Dorje apresenta o dzogchen como um enfoque que implica uma eleição individual e uma responsabilidade. Há muitas maneiras de praticar. É a responsabiliadde do mestre assegurar-se de que o estudante conhece as distintas maneiras. E o estudante se responsabiliza de ser consciente de seu próprio estado e de aplicar qualquer estilo ou técnica que seja mais apropriado. Aqui não se trata de aplicar estilos específicos diante de situações específicas, e sim, melhor utilizar a energia de tudo o que surge para que se autolibere enquanto se permanece na calma do estado natural de si mesmo. O foco da atenção deste texto não é a complexidade dos exercícios dzgochen tal como se descreve nos textos do Klong-sDe para realizar um relaxamento e uma harmonia com o tempo, o lugar e o corpo. Aqui a atenção se dirige de uma forma muito mais sensível a uma dupla tarefa, a de entrar no estado natural e aprender a permancer ali sem reagir diante do que pode nos retirar deste estado.

Formalmente, o texto é um tipo de discurso espontâneo no qual não se aprecia muito uma sucessão ordenada de ideias ao estilo do que se encontra em Chetsangpa. Aqui cada parágrafo é uma afirmação ou ensinamento ou uma evidência. O texto está impregnado do sentido do valor absoluto do que se afirma; é verdadeiramente um ensinamento do mais profundo do coração, em que o autor revela a sua experiência íntima do que considera mais valioso. É um estilo comum entre os textos compilados neste livro, posto que não são apresentações do darma como um sistema de conhecimento, e sim, tratam de compartilhar a verdade da experiência e o benefício autêntico de tais práticas.

O Texto

Saudando a minha própria consciência, a suprema soberana

No que diz respeito à prática destas instruções sobre a cognição prístina da primordialmente pura e natural grande perfeição, a paz profunda livre de toda interpretação, todos vocês yogues meditantes deveriam receber o néctar das instruções dos gurus que vocês seguem.

Tendo nascido no samsara impuro, vocês deveriam abandonar a sociedade e viver em lugares isolados. Mantenham o seu corpo na postura de Vairocana, que tem sete pontos². Mantenham sua mente livre de qualquer conversação ou recitação. Expirem o ar do seu corpo e permaneçam relaxado no seu próprio lugar. Não deem atenção às confusões do passado nem encoragem as do futuro. Estejam no presente, sem dúvidas ou incertezas. Não pensem em nada, não desenvolvam nada – apenas repousem espontaneamente no estado da não-distração.

Meditem na forma da sua deidade sem tomar a aparência como sendo exageradamente real. Rezem com muita força e então permitam que a deidade se dissolva em luz e se funda com vocês de forma que ele ou ela sejam inseperáveis da sua própria mente. O meditante e a experiência são nítidos então permaneçam relaxados na não-distração além da expressão.

Vocês pode também colocar a sua atenção em uma estátua, em uma letra, um implemento simbólico ou em um seixo – o que quer que seja mais apropriado. Então, não pensem em nada com a sua mente, não meditem, não persigam os objetos dos sentidos mas permaneçam naturalmente repousados sem se

² Estes são: pernas em posição de lótus, coluna ereta, peito erguido, queixo levemente inclinado para trás, mãos no colo, o olhar levemente fixado à frente, a um metro de distância, a língua ligeiramente tocando o céu da boca.

misturar mesmo com os pensamentos mais sutis de ser, não-ser e por aí adiante. Neste momento, não bloqueiem o processo com pensamentos de esperança sobre permanecer neste estado por um tempo ou se perguntando por quanto tempo tal estado irá continuar. Por quaisquer que sejam os pensamentos que possam aparecer, reconheçam-os imediatamente e continuem sem distração no estado que não agarra o lugar onde os pensamentos surgiram.

Se vocês se verem a si mesmos não conseguindo parar o fluxo dos pensamentos mas seguindo atrás deles, então mantenham o seu corpo na postura dos sete pontos e sua atenção afiada e vejam com a mente bem focada.

Vocês também podem praticar permanecendo relaxados, sem um foco. Igualmente, podem fundir sua atenção com os objetos dos seis sentidos. Deveriam conhecer também a prática de inspirar, reter e expirar. Para os yoguis meditantes que são iniciantes, existem muitas maneiras que os pensamentos podem surgir. Não vejam isso como um erro, porque se vocês continuarem a sua prática, se tornarão capazes de permanecer simplesmente na consciência livre de pensamentos. Então, vocês não vão se envolver em distrações, irão falar pouco e permanecerão na contemplação unidirecionada. Esse é o método em que se pratica a lucidez do calmo repouso (Zhig-gNas).

Todos os objetos que nós acreditamos, todos os fenômenos experienciáveis do samsara e do nirvana, foram, desde o tempo sem princípio, como o céu. Todas as ideias da atividade mental dualística foram apenas nomes sem mesmo um átomo digno de realidade verdadeira. Através do desconcertante giro das aparências ilusórias - que são vazias e desprovidas de existência intrínseca - nós as olhamos como se fossem entidades particulares e aplicamos nomes para elas. Então precisamos decidir que a natureza das aparências transcende o ser objeto de de uma interpretação limitante. Quaisquer objetos que surjam são auto-liberados e através do fluxo incessante das aparências [quaisquer que sejam] nós deveríamos nos manter livres da mácula de sustentá-las como se fossem verdadeiramente existentes. Nítido, vazio e impossíveis de serem agarrado, como a imensidão do céu - esse é o reconhecimento que irá surgir. Permanecer espontaneamente neste estado é o desenvolvimento do insight³ (Lhag-mThong).

Quando praticando, não importa como vocês façam, muitos tipos de pensamentos e experiências irão acontecer. Então vocês devem, inabalavelmente, examinar como eles são em termos de onde eles vem, onde eles ficam, para onde eles vão, e qual o tamanho e a forma e cor que eles tem.

Também olhem para a consciência ela mesma. Se vocês não verem nada, então examinem cuidadosamente o que é visto e quem é o observador. Se vocês não verem qualquer coisa sem auto-substância então examinem realmente os vários tipos de pensamento com muito cuidado. Permaneçam espontaneamente e sem apego neste estado do céu aberto, sem limites, livre de objetos e então fiquem totalmente claros de que a mente não tem raiz.

Se vocês entenderem e examinarem isto desta forma e claramente verem todas as variedades de falhas da quietude e do movimento, então permanecendo nesta prática por um longo tempo vocês vão realmente entender.

³ Em espanhol, utilizou-se a expressão “visão penetrante”.

Então, não importando quais pensamentos surjam permaneçam sem incentivo ou expectativa, sem aceitação ou rejeição – apenas é necessário contemplar como surge e como libera a si mesmo.

Além disso, quando estiverem havendo muitos pensamentos em turbilhão não vejam isso como um erro. Não se misturem com ideias que não percebem as qualidades da claridade nua e da vacuidade. Ao contrário: pratiquem a exibição espontânea da realidade.

Quando estiverem sentado na postura dos sete pontos com o olhar corretamente centrado, se, devido ao poder dos pensamentos sutis, perceberem a presença familiar de objetos conhecidos, não se deixem arrastar pelo poder destes movimentos quase imperceptíveis.

Desde o princípio, a vacuidade tem estado desprovida de natureza própria inerente e transcende qualquer interpretação. É muito importante que vocês se dêem conta de que sua consciência presente, que está além de qualquer processo intelectual, é a base primordial, desperta e luminosa.

O que se contempla, a contemplação e aquele que contempla, assim como a calma e o movimento, são todos eles a claridade da expressão natural de si mesmo. A permanência na contemplação sem apegos supõe reconhecer a natureza própria e retornar a integrar-se na base única e primordial do conhecimento. Este é um ponto de suma importância.

Quando não se tem esta compreensão, o que se contempla, a contemplação e aquele que contempla se percebem como diferenciados. Serão analisados a calma e o movimento e se aplicarão nomes e, a eles, serão atados conceitos de existir ou não existir, de incentivar ou reprimir. Cuidem-se muito de não se verem presos, na denominação conceitual do vazio ou na definição de interior e exterior, nem tão pouco no que se refere ao agarrar-se aos objetos da meditação, as noções de bom e mal, aos medos e esperanças. Não permitam que suas mentes se distraiam com o movimento oculto dos pensamentos. É vital que vocês alcancem a compreensão que está livre de objetos e mais além de todo limite.


Quando alguém está concentrado em uma postura ou um ponto de vista distinto ao que foi mencionado, necessariamente se perderá na confusão de não entender seus próprios pensamentos e não será capaz de reconhecer o processo. Em outras palavras, não saberá de nada, é ignorante e se perderá na ausência de claridade. Esta situação é geralmente descrita como a perda da espontaneidade do pensamento e conduz a estar atado à necessidade de distração, e assim se perde o acesso à expressão livre. Desta forma, o movimento e o reconhecimento devem estar sempre sob o domínio da compreensão.

Além do mais, pode acontecer que alguém siga os pensamentos que provem da aparição dos objetos diversos dos seis sentidos. Assim, [este alguém] examina e avalia, seguindo - um pensamento após o outro - com a intenção de forçar o reconhecimento. Também, quando a mente não repousa em si mesma, os pensamentos se dispersam por todas as partes sem chegar a um limite; se isto ocorre, deve-se dar conta de que pode ser devido a obstáculos na sua visão ou na meditação. Se a prática segue por estes cursos, tal como se explicou anteriormente, evitem que a compreensão errônea ofusque a situação. Fugam de toda elaboração conceitual e mantenham a espontaneidade natural. Diante de qualquer movimento ou reconhecimento que surja, permaneçam na sua compreensão e claridade: não entrem em julgamentos; tampouco em aprovar ou rechaçar, aceitar ou descartar. Não sigam atrás de qualquer coisa que surja.

Não obstruam o movimento nem impeçam a cessação. O ponto essencial da visão é permanecer exatamente na presença da natureza real daquilo que dá origem aos pensamentos.

Devem reconhecer o que é conhecido como a prática ou a exibição do jogo da realidade, que significa entender o que acabamos de explicar. Neste momento, se não se cortou a raiz do movimento, de maneira que os pensamentos se percebem como duradouros e [vocês] se fecham em suas tendências habituais, então, numerosos pensamentos aparecerão como objeto de uma consciência que não tem a compreensão necessária. O conhecimento instantâneo vai se ofuscando e se experimenta o obstáculo da calma ignorante ou letargia. Portanto, mantenham sua mente alerta e clara. Pratiquem em sessões curtas e deixem que a mente flua. É muito importante que se reconheça o movimento e a estabilidade.

Por outro lado, se seguimos os movimentos, sejam sutis ou grosseiros, o perigo está em que a mente se agite – portanto, dominem a atenção. Como foi dito antes, gerem a claridade de permanecer sem impedir a compreensão da calma e do movimento. O ponto chave da visão é a experiência direta da natureza real desta claridade. Se os defeitos do embotamento ou da agitação da mente se apresentarem, podem ser eliminados ao mesmo tempo em que se medita, respectivamente, no aspecto branco ou vermelho de Padmasambava.

Se os pensamentos aparecem com muita intensidade, como por exemplo, quando se sente mal ou se tem muita dor, e não há capacidade de estar sentado nem se sabe como meditar, indica o obstáculo do surgimento da dispersão e da agitação. Desta forma, relaxem o corpo, energia (fala) e mente com a mente até o fundo do céu. Logo, visualizem ao nível do umbigo, a metade de um  (similar a V) que sustenta um fogo flamejante e queima nele mesmo os agregados e as potencialidades⁴, incluindo todas as entidades internas e externas do mundo assim como seus habitantes, de maneira que apenas reste a vacuidade. Meditem nisto continuamente.

Se surgem os obstáculos do torpor, opacidade e ignorância que provocam um obscurecimento contínuo da mente, deve-se dominar o corpo, energia (fala) e a mente. Sejam diligentes nas práticas de purificação e na acumulação de mérito e sabedoria. É importante completar estas acumulações, assim como oferecer gozo aos deuses que residem nos canais ao fazerem com que sua energia ascenda e descenda.

Quando praticamos a experiência nua da presença, pode ser que se manifestem os objetos dos seis sentidos. Não permitam que a mente vagueie atrás deles. E quando a mente não estiver centrada em si mesma, afastem-se de qualquer apego ou aversão e de toda identificação. Ainda que apareçam os objetos dos seis sentidos, não fiquem presos as necessidades do desejo. Isto é, não importa quantas ondas saiam do oceano, todas surgem por si mesmas e se dissolvem por si mesmas. O mesmo serve para o surgimento de qualquer pensamento. Se realmente vocês podem evitar armazená-los, neste momento, lograram permanecer no estado supremo da calma mental.

Se os pensamentos se manifestam, surgirão como o grande jogo da cognição pura. Com a experiência gradual da própria mente, chega a claridade, livre de todas as ondas de movimento e reconhecimento. E junto a esta claridade

⁴ Os agregados são forma, sensação, percepção, associação e consciência. As potencialidades são os seis órgãos dos sentidos, seus seis objetos e suas seis consciências.

natural, a expressão de si mesmo é incessante como luminosidade radiante. Este é o ponto essencial para entrar no equilíbrio equitativo de vacuidade e clara luz.

Ainda que os principiantes se vejam assaltados por uma corrente incessante de pensamento, todos esses efeitos se liberarão gradual e espontaneamente em si mesmos e permanecerão apenas por um instante. E assim tal como acontece aos defeitos que provém dos objetos externos, por exemplo, com os sons, os pensamentos surgem e isto é o que se chama de movimento.

Quando surge a compreensão que discrimina entre o movimento e calma, ela é conhecida como reconhecimento. Essa é a tradução da calma (*gNas*), o movimento (*'Gyu*) e o estado de presença desperta (*Rig*).

Às vezes há uma grande calma, e de repente, ocorre algum movimento. Não persigam o movimento, permaneçam no reconhecimento. Realize assim uma vez depois da outra. Além disso, tampouco considere as virtudes da calma e os problemas do movimento. O modo natural é permanecer na calma (*gNas*) da presença, na claridade. O movimento é o modo manifesto e a claridade é o modo radiante. Por conseguinte, neste momento, não permanece o menor rastro de existência de pensamentos bons ou ruins.

Aquele que não se dá conta disto e tem apego aos pensamentos, sejam bons ou ruins, se além disto aprecia estar absorto na experiência da vacuidade, renascerá no reino dos sem forma. Já quem aprecia estará absorto na experiência do gozo, nascerá no reino do desejo. E aquele que persiga, ou aprecia a experiência da claridade, nascerá no reino da forma.

Aquele que se libertou dos movimentos confusos que surgem sem razão e pratica a claridade durante muito tempo, chega a vacuidade (*sTong Pa*). Então, deveria habitar pacificamente por muito tempo nesta condição natural junto com a experiência do gozo que não se pode modificar, nem eliminar. A claridade é um incesante surgimento de pensamentos que expressam o poder da presença.

É necessário reconhecer a base das coisas que devem ser purificadas: o desejo por realizar estas experiências, a tristeza ao final quando chega a dispersão, o não ver a pureza primordial da essência da meditação.

Isto é, se há confusão por tantos pensamentos, apoiem-se no conhecimento da pacificação (*Zhi-Ba*) da dispersão externa e interna do seu próprio espaço. E repousa (*gNas*) com claridade e sem esforço. Esta é a natureza real da calma mental (*Zhi-g Nas*).

Na base desta condição natural, que nunca foi modificado ou adulterada, se vê diretamente a poderosa e lúcida expressão da presença e assim se apresenta a visão profunda e penetrante (*Lhag-m Tong*). Deste modo, diante de qualquer perturbação que apareça, seja aversão, atração, ignorância, etc, ou ante os pensamentos que surjam não os rechassem, não os mirem como inimigos, não os analisem. Sua natureza real tem sido vazia desde o princípio e não vão além deste ponto. Portanto, devem desenvolver habilidade de permancer naturalmente na espontaneidade, livre de “agarramento”⁵.

Se diz no Thal-'Gyur:

Todos os pensamentos que podem surgir

Se liberam por si, sozinhos, como uma serpente sacudida no ar.

⁵ Em espanhol, “aferramiento” e em inglês, “grasping”.

Apesar de conhecer o que se deve abandonar
buscam o remédio em algum outro lugar,
estes yoguis que esperam benefícios
e dificuldades, estão atados à dualidade.

Experimentem a liberação primordial dos falsos esforços!

Deste modo, o que se diz respeito aos objetos dos cinco sentidos nos quais se busca remédio contra as perturbações que se deve abandonar, não importa que pensamentos atraentes apareçam, se vocês mantêm a espontaneidade, surge a liberação dos objetos dos sentidos por si mesmos. Ante a qualquer pensamento que apareça, bom ou ruim, não os sigam em busca de benefício ou prejuízo. Pratiquem o estado daquele que gera os pensamentos alegres e tristes.

A meditação habita em seu próprio lugar, os pensamentos se manifestam e o reconhecimento se mantém. Por exemplo, para uma pessoa é fácil levar a cabo as três atividades de ir, dormir e sentar-se. Da mesma forma, devem perceber que a realidade destas três instruções (habitar, manifestar, reconhecer) é a sua inseparabilidade da natureza única.

A calma mental, que é a pacificação de todos os pensamentos em seu próprio espaço, e a visão profunda, que é ver diretamente a presença, tem apenas uma só natureza. Todas as possíveis aparências da energia da base se liberam por si mesmas.

Para expressar de forma mais breve: não devem diferenciar calma e movimento, reconhecimento e presença, pensamentos bons ou maus, ou de qualquer modo que se manifestam. Não comecem a incentivar ou suprimir, aceitar ou rechaçar. Mantenham diretamente a presença luminosa e a vacuidade neste estado disprovido de aparência e interpretação. Quando surgem os pensamentos é muito importante não equivocarem-se: devem seguir fielmente as instruções recebidas.

Desta maneira, não importa o que surja ou apareça, mantenha o reconhecimento da distinção e seja o que seja, repousem ali sem perder o equilíbrio meditativo. Logo, pratiquem com este conhecimento que tem uma confiança espontânea na natureza real, imutável e estável, de maneira que se produza o êxito respectivo de se perceber a mutabilidade cambiante do movimento e do reconhecimento.

Deste modo, os pensamentos flutuantes levam a ausência de pensamento, através da qual há um espaço vazio que se manifesta o pensamento; portanto, devem entender qualquer pensamento que surja. Mantenham a experiência instantânea e direta, sem nenhum resíduo dualista. Mantenham a liberação por si mesma, não entendam isto como uma atividade que requer esforços, guardem para vocês esse conhecimento direto. Quem receber este ensinamento será um ser com bom karma e oportunidades. Se o realiza pela manhã, será um buda nesta mesma manhã. Se o realiza pela noite, será um buda pela noite. Aquele que o pratica, se é um ser de alta capacidade, alcançará a budeidade no transcurso de uma vida. Se é de capacidade mediana, alcançará no bardo no momento da morte. E aqueles outros de capacidade ordinária se livrarão de ter um mal nascimento. Não há nenhuma dúvida quanto a isto, este ensinamento está sobre a proteção de Tanma Chunyi e de Nyanchen Thanglha.

No que diz respeito a essência de todas as verdades essenciais e profundas, ainda que haja muitas outras práticas de ensinamentos mais secretos e especiais, esta é a essência final extraída da essência primordial. Apenas as pessoas afortunadas e com bom karma a podem descobrir, já que está guardada em segredo. Está selada contra aqueles que não tem os votos ou que mantêm crenças errôneas, está destinado a ser entregue apenas aos meus discípulos devotos que guardam seus votos. Os protetores do tesouro tem ordens de protege-lo. Está selada além de qualquer classificação por Urygen Padma. É o tesouro do coração e do sangue do coração da dakini. O selo sagrado. O corpo, a fala, a mente,

não errarão. Os votos vajra. Selado. Selado. Selado. O selo do tesouro. O selo escondido. O selo profundo. O selo secreto. A mandala. Este é o ensinamento especial de Nuden Dorje Longpa Drola Tsal.

Traduzido em português brasileiro por João Vale Neto, MAY 2018

O Caminho Natural e o caminho da delusão⁶ **(por Padma Sambhava)**

Este texto é uma secção do gSang-sNgags Lam-Rim por Padma Sambhava, existente tanto na linhagem aberta (bKa'-Ma) e na linhagem do tesouro (gTer-Ma). A linguagem é muito técnica e concisa. Condensa uma grande quantidade de inferências. Em certo sentido, é uma série de enunciados que constroem um argumento e um ponto de vista. Os enunciados não são evidentes por si mesmos do ponto de vista comum, nem são explicados ou justificados. Mas este não é um tratado lógico-filosófico, racional; é um apontamento da experiência real de Padma Sambhava, o grande yogui dzogchen de Oddiyana. Este texto aparece no Byang-gTerChhos-sPyod e é recitado todos os dias por monges, yogues e leigos que seguem esta linhagem.

O entendimento da base comum de samsara e nirvana é vital para a visão dzogchen e neste curto texto o desenvolvimento do samsara é evidenciado muito claramente. A ignorância é adventícia, não inata, uma nuvem passageira que esconde, mas não realmente altera, a natureza verdadeira da mente que é similar ao céu. Por reconhecer as qualidades do caminho natural⁷, se tornam mais fácil de identificar as várias manifestações do caminho da delusão e do desnorreamento⁸, a experiência do samsara. É interessante comparar este texto com as versões mais tradicionais e lineares dos doze nidanas (Low, 1989). Aqui, se ilustra o valor da visão, não como uma filosofia do despertar ou como algum tipo de perspectiva mística elevada, mas como um caminho muito prático e efetivo de reconhecer os enganos na meditação. O texto aponta a visão que deve ser reconhecida. Esta é o primeiro ponto essencial de Garab Dorje e a descrição do desenvolvimento da ignorância produz o pano de fundo para os seus segundo e terceiro pontos que são apresentados no Capítulo 11.

O estilo do texto é muito diferente daquele de Patrul Rinpoche no Capítulo 10 e ainda sim pode ser apreciada uma similaridade subjacente se a estrutura formal aqui não se tornar uma distração. A questão é sempre a mesma, mostrar que há sentido neste mundo, tanto para o nível relativo da interação entre sujeito/objeto quanto no nível absoluto do caminho natural da não-dualidade. As respostas habituais para os fenômenos - e nossa experiência deles - surgem como ignorância ou falta de presença. Este entendimento reenquadra a existência ordinária, movendo-a, do que Patrul Rinpoche descreve no Capítulo 7, da falsa verdade relativa, para a pura verdade relativa. Entender a fonte da experiência ordinária permite-nos aprofundar, penetrar na fonte relativa que é a ignorância, até

⁶ Texto apresentado e traduzido por James Low (1998) do tibetano para o inglês e compilado como o capítulo 9 do livro Simply Being. Em 2018, João Vale o traduziu para o português, com agradecimentos ao apoio da versão em espanhol realizada por Marta Pérez-Yarza (2009).

⁷ O caminho natural (gNas-Lung) é a natureza que se é, que sempre foi e que sempre será. Imutável, auto-existente, é a base de tudo e a esfera de todos dos budas. Ela não vem, não vai nem é o caminho para qualquer outro lugar. Veja também a nota 1 do capítulo 7.

⁸ O caminho da ilusão e do desnorreamento ('Khrul-Lugs) é o caminho que é seguido quando o caminho natural é ignorado. "Aquele que ignora" é, ele mesmo, a energia da base. A ignorância não nos afasta do caminho natural, mas vagueia dentro dele não percebendo como ele é, e, por isso, confunde-se acreditando que há uma experiência particular de entidades reais separadas do fluxo da experiência [da base]. Não importa quão longe nos afastemos no caminho do desnorreamento, nunca nos movemos do caminho natural e, por isso, a iluminação é sempre imeditatamente disponível.

entrarmos na fonte absoluta que é a dimensão natural da lucidez. Este é o ponto mais alto de um novo quadro, de uma abertura sem limites, a qual expõe todas as referenciais como um enquadramento possível. Nada precisa ser modificado ou alterado de forma substancial: melhorar a experiência que está presente pode ser alcançado por deixar ir o esforço e permitir que a radiância natural e a claridade da existência se revelem por si mesmos.

O Texto

O Caminho Natural

No que diz respeito ao caminho natural, *“Ele é auto-surgido, não-dual e sem esforço, puro desde o princípio, e natureza de buda primordial.”*

(Padma Sambhava agora comenta o seu próprio apontamento.)

Existem quatro aspectos disto.

Primeiramente, o caminho natural reside na não-dualidade. Isto tem cinco aspectos:

1. O que quer que surja é sem qualquer realidade verdadeira, assim a essência é a não-dualidade de aparência e vacuidade.
2. A mente em si mesma é não-nascida desde o princípio, então, o que há para ser cessar no que é não-nascido? Assim, ela possui a característica da não-dualidade do começo e do fim.
3. As aparências surgem na sua própria mente e não há outro fenômeno se não estes que surgem na mente. Assim, aparência e a experiência são não-duais.
4. No que diz respeito a mente da aparência não-dual, se alguém não a possui formalmente, ela não pode ter surgido depois. Por ter sido assim desde o princípio, o caminho natural é a não-dualidade de si e do outro.
5. Dessa forma, não há fenômeno que não seja não-dual, logo esta é a grande não-dualidade.

Em resumo, do campo de ação do instante, surgem sem cessar, o sujeito, todos os fenômenos do samsara e do nirvana, o que quer que apareça e assim a não-dualidade é livre de limitações.

A não-dualidade é introduzida desta forma para que, ao remover a ideia equivocada, possamos nos libertar do apego da crença nos fenômenos como duais e separados de nós mesmos. O propósito é a realização da não-dualidade. Todos os fenômenos podem ser envolvidos neste duplo aspecto da essência (fornecidos acima) e são também não-duais, baseados em apenas um único ponto (Thig-Le Nyag-gChig).

Em segundo lugar, o caminho natural repousa como aparências que surgem espontaneamente. Isto tem cinco aspectos.

1. O caráter de todos os fenômenos é ser desprovido de realidade substancial e, por conseguinte, o campo de ação do instante é de surgimento espontâneo.
2. Todos os fenômenos são energia sem nenhum ponto de obstrução e portanto o sujeito é de surgimento espontâneo.
3. A natureza real de todos os fenômenos está além do entendimento, assim a não-dualidade é de surgimento espontâneo.
4. Este estado não vem sendo produzido por nenhuma outra coisa. Desde o princípio, ele vem sendo assim e, por isso, sua natureza é de surgimento espontâneo.

5. Todos os fenômenos do samsara e do nirvana são surgimento espontâneo e não há nenhum outro fenômeno em qualquer lugar que não possua essa natureza. Dessa forma, é a grande aparência espontânea, sem esforço.

Em resumo, no campo de ação do instante, o sujeito e todos os fenômenos possíveis do samsara e do nirvana, não repousam em nenhuma natureza particular e verdadeira e por isso [este campo] é surgimento espontâneo e sem nenhuma limitação.

Aparências espontâneas são introduzidas desta forma para que possa ser removida a ideia equivocada do desejo de que um possa ajudar o outro (a atingir a iluminação).

O propósito é sermos livre de toda necessidade de procura e de prática. A essência dessa realização é compreender que todos os fenômenos das aparências possíveis de samsara e nirvana surgem espontaneamente na sua própria mente.

Em terceiro lugar, o caminho natural reside como a base pura (gZhi). Isto tem cinco aspectos.

1. Tendo sido naturalmente vazia desde o princípio, [a base primordial] vem sendo pura no que diz respeito a todos os fenômenos substanciais e, por conseguinte, é a esfera realmente pura (dByings).

2. A energia da vacuidade é incessante como experiência e, por isso, desde o princípio, há a pureza no que diz respeito à mente aparentar ser real. Esta é a forma de ver original, realmente pura.

3. Tendo, na essência, a não-dualidade da aparência e da vacuidade, todos os diversos fenômenos vem sendo puros desde o princípio e então são realmente a não-dualidade pura.

4. Este estado não vem sendo criado repentinamente mas vem sendo assim desde o princípio e, por isso, é a pureza natural.

5. Não há outros fenômenos que não sejam puros desde o princípio e, por isso, este estado é a grande pureza.

Em resumo, não há nada a rechaçar porque tudo é naturalmente puro: a expansão do campo de ação do instante, o sujeito e todos os fenômenos possíveis do samsara e do nirvana. Portanto, isto é a pureza ilimitada.

A pureza perfeita é introduzida desta forma para que se possa remover a ideia equivocada que tem apego à crença de que a confusão é natural à mente. O propósito é a realização da pureza perfeita. A essência do campo de ação do instante é naturalmente e completamente pura.

Em quarto lugar, o caminho natural repousa na natureza de buda primoridal

A lucidez é a mente iluminada ao ser purificada (Sangs) da confusão dualista quanto aos fenômenos e tem a expansão (rGyas) da forma de ver original não-dual. Desta forma, ela é a natureza de Buda (Sangs-rGyas).

Além disso, não há nela a menor partícula de confusão então ela é pura (Sangs), já que não é que ela tenha sido não-dual antes e se expandiu (rGyas) depois. O seu caráter natural é livre de confusão da mesma forma que a sua essência se expande como conhecimento original não-dual. Por isso, ela é a natureza de buda primoridal.

A natureza aberta é o modo natural. A auto-expressão da claridade é o modo radiante. A não-dualidade da claridade e da vacuidade é o modo da exibição [da realidade].

No que diz respeito ao que a natureza vazia é, e como a claridade da expressão natural aparece, claridade e vacuidade são não-duais, indistinguíveis tal qual o conhecimento original desta compreensão.

Saber estar sem confusão, tendo em vista esta verdadeira natureza, é a renúncia perfeita. Possuir a não-dualidade desta essência é a perfeita realização. Se não houvesse uma natureza de buda como esta então a meditação não poderia fazer a natureza de buda emergir. É como a pedra chamada saledram, que mesmo parecendo como ouro, nunca foi ouro. Mesmo que você trabalhe sobre ela, ela não vai se tornar ouro. A natureza de buda primordial é mostrada desta forma para que se remova o apego à ideia equivocada que acredita que a base possui confusão.

O propósito é realizar a natureza de buda primordial, a realização que a essência da própria lucidez são a forma de ver e o modo de ser puros.

O caminho da delusão

No que diz respeito ao caminho da delusão ou do desnorreamento ('Khrul-Lugs), *"É essência, ignorância, ação cármica e aflição, visão equivocada e sofrimento."* (Padma Sambhava agora comenta o seu próprio apontamento).

Existem cinco aspectos disto.

Em primeiro lugar, a essência no que diz respeito à base da confusão.

A mente em si mesma, a essência da iluminação, é livre de todas as limitações como ser ou não-ser. Não reconhecendo isto como a sua própria natureza, acreditamos em ser e não ser e sustentamos uma variedade de ideias. Desta forma, surge a confusão.

Em segundo lugar, há a causa (rGyu) que é a ignorância.

Isto tem dois aspectos.

Primeiro, o aspecto da ignorância, simultânea, co-emergente que é o não-reconhecimento da lucidez. Além do mais, por quem a lucidez não é reconhecida? Por si mesmo. O que é desconhecido? O si mesmo. Não há nada a ser apontada fora das características desta causa então e como sentir uma forma em um quarto escuro. Por exemplo, é como não reconhecer um signo como sendo um signo.

Segundo, a ignorância da total identificação (Kun Tu brTag-Pa) na qual vê-se o não existente como existente. Além disso, quem realiza essa identificação? Ela é realizada pela própria atividade mental. O que é identificado? A mente e os objetos como separados. Como são identificados? Como a separação entre eu e o outro. Por exemplo é como tomar uma placa de sinalização como uma pessoa.

Em terceiro lugar, as causas que contribuem para os três tipos de ação e as cinco aflições.

Pode-se nascer nos reinos elevados dos homens e dos deuses no reino do desejo devido às ações virtuosas. No que diz respeito a ação inabalável⁹, pode-se nascer nos céus de Brahma (reinos da forma e da não-forma). No que diz respeito às ações não-virtuosas, pode-se nascer nos três reinos inferiores (infernos, fantasmas famintos e animais).

Tendo em vista as aflições, devido à raiva, nasce-se no reino dos infernos, devido ao desejo nasce-se nos fantasmas famintos, devido ao torpor mental no reino dos

⁹ No Tesouro de Qualidades Preciosas (2013), Mipham Rinpoche traduz "ação inabalável" como um estágio de absorção meditativa profunda mas que está desprovido de bodhicita.

animais, devido ao ciúme no reino dos asuras, e devido ao orgulho, no reino dos deuses. Além disso, estas aflições são o poder por detrás dos três tipos de ação.

Em quarto lugar, o realizador do movimento (Byed-Pa-Po) é um instante de enganos [visões equivocadas].

Deste instante, a continuação do samsara segue e por isso mergulha-se no poder da impureza. Além disso, da vacuidade, interpretações (sPros-Pa) surgem, e devido à isto, acredita-se que a consciência é um “si mesmo” substancial (bDag). Por ver esse “si mesmo”, o outro (gZhan) surge, e a presença de outros faz surgir a atração, aversão e suposições. Devido a isto, os três tipos de ações kármicas são acumulados e o amadurecimento do karma é experienciado.

Desta forma, devido a continuidade deste instante de engano [visões equivocadas], outras coisas, similarmente enganosas, acontecem. Na base da percepção de entidades como sendo reais, há o apego às coisas como se elas fossem permanentes e torna-se viciado à estas noções fixas. E, por conseguinte, olhando com confusão, o fenómeno do samsara é criado.

Em quinto lugar, o resultado [do sofrimento]

Ao se tomar um corpo dentro dos seis reinos, tem-se a experiência, em cada um destes lugares, dos vários resultados das cinco aflições. Geralmente, esta situação é sem começo ou fim, mas ela pode ter um fim.

Existem duas razões porque o caminho da delusão é explicado desta forma. Primeiro, as ideias equivocadas devem ser removidas de forma que se possa ser liberado da crença [estabelecida na mente] que a delusão está presente na base. Segundo, porque a base é livre de delusão, é necessário possuir o propósito de realizar esta natureza pura.

Além disso, porque a exibição falsa da delusão surgiu repentinamente, uma vez que a sua natureza é conhecida, então ela pode ser liberada no seu próprio lugar. Assim, quando nós sabemos que um poste de sinalização é um poste de sinalização, a confusão de acreditar que tal coisa poderia ser uma pessoa é liberada na pureza primordial.

Traduzido em português brasileiro por João Vale Neto, MAY 2018

O tesouro das canções (por Saraha)¹

Este texto sobre o mahamudra por Saraha tem um formato mais formal que o de Maitripa. Está organizado em três seções nos tópicos tradicionais da base, caminho e fruição.

A seção sobre a base, ou chã, (gZhi) descreve a condição natural e o estado de delusão em uma maneira similar a exposição feita no capítulo 9. Saraha toca no dilema essencial quando ele aponta que a verdadeira natureza “não pode ser demonstrada em sua inexpressabilidade e ninguém pode compreendê-la de uma forma dualista”. A experiência da integração é além da expressão ainda que a energia dessa experiência flui como uma onda de compaixão espontânea para benefício dos seres. Se a verdade é inexprimível, são os ensinamentos, pela sua própria condição, equivocados ou, ainda assim, formas de se aproximar? A instrução comum de não confundir o dedo apontando para a lua com a verdadeira lua nos vem a mente. Nós precisamos do dedo para nos apoiar a achar o caminho mas tendo alcançado o dedo ficamos um pouco seduzidos uma vez que ele é muito seguro. Corremos o risco de passar toda nossa vida medindo, examinando e nos tornando um completo e realizado especialista em dedos. Como disse o Buda Sakyamuni, você precisa de um barco para atravessar o rio mas não há necessidade de levar o rio consigo uma vez que você tenha atravessado. Como os tantras pontuam, as coisas que prendem as pessoas comuns podem se tornar os caminhos para a liberação para os yoguis, então, as instruções que levam ao caminho da liberação podem ser meios de confusão para alguém que se torna apegado.

Neste texto, como em outros, o estilo é a exposição da experiência. Há uma explanação de como as coisas são, a base e como entrar em contato com ela, o caminho; e como estar com ele sem reificação ou apego, o resultado (fruto). Não há uma discussão ou debate – não é uma proposição mas uma revelação. Este estilo de discurso do sutra dá poucas opções à mente para jogar: ou se inspira e se inicia a prática ou, caso, não nos afetemos, a deixamos para trás. Isto é claro, como nos diz Saraha, é como as coisas devem ser.

Saraha é muito claro falando sobre o caminho do conhecimento, ou do entendimento direto. Ele não está abordando experiências místicas ou alguma coisa distante, mas no resultado alcançado por uma simples metodologia. Não há nada de especial a fazer, apenas olhar claramente a realidade como ela é. Assim, após oferecer-nos um exemplo sobre o céu, Saraha diz: “De forma semelhante, se nós procurarmos na mente e em todos os fenômenos, não vamos encontrar um só átomo de existência verdadeira”. Tendo realizado este trabalho, o fruto do claro entendimento é inalienável de si mesmo, sem apego.

O Texto

Saudação a Sri Vajradakini.

Saudação ao conhecimento mais prazeroso, co-emergente e primordial.

O sentido do texto irá ser abordado em três seções.

¹ Texto traduzido e compilado por James Low como o capítulo 13 do livro Simply Being (2010). Traduzido por João Vale Neto para o português (Brasil) em agosto de 2018.

Seção 1

A primeira delas é a condição natural de mahamudra. Ela tem três aspectos.

A. Inicialmente, uma explanação sobre como as coisas são

O que quer que mova ou não mova², tudo o que é estável ou instável³, tudo o que é material ou não-material⁴, e tudo que se apresenta como aparência e não-aparência – tudo, sem exceção, nunca oscilou e nunca irá oscilar da natureza que é como o céu. E mais do que isso, embora nós utilizemos o termo céu, o céu não possui uma natureza individual específica: está além quaisquer conceitos delimitantes como ‘é’ ou ‘não é’, ‘sem existência’ e ‘sem não-existência’ e tudo mais. Do mesmo modo, o céu, a mente e a realidade como ela é⁵ não possuem a menor diferença. Todos os nomes que indicam diferenças são apenas títulos fortuitos⁶, não possuem validação verdadeira e, por isso, são palavras meramente descritivas. Tudo é a sua própria mente.

Fora desta mente, não há sequer um único átomo de qualquer coisa inerente. Se vermos que, desde o princípio, nunca houve entidades mentais, ganharemos a excelente compreensão de todos os Budas dos três tempos.

Aquilo que é bem conhecido como a cornucópia natural⁷ não é apenas mais uma ideia falsa uma vez que desde o tempo sem princípio ela é a natureza co-emergente. Não pode ser demonstrada; é inexprimível e ninguém pode compreendê-la de uma forma dualista.

Se há alguém que possa dizer como um proprietário, então deve haver algumas posses. Mas, se, desde o começo, nunca houve um si mesmo, o que é que este “não-eu” pode possuir?

Se a mente é algo real que pode ser possuída, então todos os fenômenos são reais e capazes de apropriação. Se não há mente, quem irá entender o que as coisas são?

A mente e todos os pensamentos que podem ser percebidos não podem ser capturados pela procura – e o buscador ele mesmo não pode ser encontrado. Nem o conhecedor nem o conhecido existem desta forma e, ainda sim, não-nascidos e incessantes no passado, presente e futuro. Isto não muda uma vez que é o caminho natural da grandiosa satisfação inata.

Por isso todas as aparências são o modo de ser natural. Todos os seres sencientes são budas. Toda construção e atividade estão dentro do espaço que tudo abarca desde o princípio. Todas as coisas que podem ser identificadas pela lingua e conceitos são como os chifres de um coelho.

² Isto se refere a tudo que é animado e inanimado.

³ Isto se refere à mente e aos eventos mentais.

⁴ Isto é: aquilo que ‘existe’ e aquilo que ‘não existe’

⁵ Chhos-Nyid, dharmata.

⁶ Isto é, são apenas meramente convencionais e não possuem conexão inerente com o objeto que estão supostamente representando ou referencializando.

⁷ Chhos Kyi Za-Ma-Tog.

B. Em segundo lugar, evidenciar como os seres se tornam deludidos uma vez que não despertam para a realidade

Ah! Quando o sol está livre das nuvens seus raios preenchem todos os lugares ainda que aqueles sem olhos permaneçam em escuridão infinita. A espontânea co-emergência⁸ está presente em todos os lugares ainda que os ignorantes estejam muito distante dela. Porque os seres não entendem que a mente não é uma entidade, eles atam fortemente a natureza original a partir da discriminação e julgamento conceitual. Assim, da mesma forma que as pessoas se tornam loucas pelas 'bençãos' de um demônio, os seres se tornam impotente e sem sentido. E assim criam sofrimentos para si mesmos.

Acreditando que as coisas são reais, os seres são aprisionados pelo grande demônio do pensamento e, por isso, criam apenas sofrimento sem sentido para si mesmos. Alguns desses ignorantes são atados por discriminação dos seus intelectos. Eles mantêm o mestre (i.e. a mente ela mesma) em casa e vão procurar por ele em outros lugares. Alguns deles acreditam que os reflexos são reais. Outros não cortam a raiz mas apenas os galhos e as folhas. Não importa o que eles façam não estão conscientes de estarem deludidos⁹.

C. Em terceiro, a forma pela qual o eremita desperta é mostrado

Maravilhoso! Os seres que são como crianças não conhecem a sua verdadeira natureza mas eu a realizo por nunca oscilar deste estado. Eu ganhei conhecimento sobre o início e o fim de mim mesmo (i.e. de forma completa) e então eu vi a mim mesmo, minha natureza verdadeira repousando sozinha. Ainda que esta solidão seja experienciada, ela não é vista como verdadeiramente real. Não há quem vê e nada para ser visto, logo é inexprimível. E, por ser inexprimível, quem pode conhecê-la¹⁰?

Quando você pratica a mente que não muda, então você entrou no despertar que eu, o eremita, vivenciei. O leite de um leão das neves não pode ser guardado em um pote de má qualidade. Quando a leoa ruge no floresta, todos os cervos pequenos tem medo mas os leoenzinhos ficam felizes e correm na direção da sua mãe. De forma semelhante, quando a grande satisfação não-nascida é ensinada, pessoas ignorantes que dão guarida a ideias equivocadas - se tornam amedrontadas mas os afortunados se tornam felizes e os pêlos dos seus corpos vibram.

SEÇÃO 2

Nesta segunda seção os três aspectos do caminho do mahamudra serão apresentados.

A. Claramente decidindo sobre a base da visão

Isto tem três partes.

⁸ De vacuidade e claridade.

⁹ Isto quer dizer: eles não reconhecem seu erro subjacente.

¹⁰ Isto quer dizer: conhecer da mesma forma que um sujeito conhece o objeto, uma vez que este tipo de conhecimento é dependente de conceitos expressíveis.

1. Inicialmente, a natureza da visão é mostrada.

Maravilhoso! Olhe para si mesmo com uma mente não-oscilante. Se você despertar para sua própria natureza, a mente oscilante também surgirá como mahamudra. No estado de grande satisfação todas as características dualistas são auto-liberadas.

Quando despertamos de um sonho vemos que todas as alegrias e sofrimentos dentro dele não possuíam substância verdadeira. Por isso, abandone todos pensamentos de esperança e de dúvida, uma vez que quem está lá para pensar em inibições e encorajamentos?

Por ver a verdadeira natureza, reconhecemos que tudo dentro do samsara e do nivarna é livre de uma natureza individual e assim seus pensamentos esperançosos e duvidosos são exauridos. Então, quem irá fazer o esforço de abandonar e aceitar? Toda aparência e todo som são como uma ilusão mágica, uma miragem ou um reflexo – são livres das características que faz com que aparentem ser entidades reais. Quem entende a natureza ilusória das aparências é a mente que é como o céu. Ela é sem centro ou limite então, quem pode compreendê-la¹¹? Há muitos diferentes rios como o Ganges mas quando eles encontram o mar salgado todos tem um só sabor. De forma semelhante, a mente discriminativa e todas as suas funções e conteúdos devem ser conhecidas como tendo, verdadeiramente, apenas um sabor.

2. Em segundo lugar, o método de mostrar o despertar.

Se alguém procura profundamente a completa extensão do céu irá descobrir que não há meio ou fim e então desistirá desses conceitos. Igualmente se nós procuramos, na mente e em todos os fenômenos, não encontraremos ao menos um átomo de existência instrínseca. Também a mente que está realizando a procura não pode ser percebida. Então veja que não há nada que possa ser visto (como existindo verdadeiramente).

3. Em terceiro lugar, não saindo dessa natureza

Da mesma forma que um corvo, solto de um navio, voa em todas as direções mas retorna (quando não encontra terra à vista), a mente cheia de desejos vai caçar pensamentos mas, então, encontra a natureza imutável da mente. Sem se afetar pelas situações, livre de esperanças, destrua todas as dúvidas secretas – esta é a mente vajra.

B. Há três aspectos na meditação

1. Primeiramente, a não-meditação do mahamudra.

A verdadeira natureza da mente que cortou a raiz (da ignorância) é como o céu. Não há meditação há ser feita, então, evite meditar. Manter a mente ordinária no seu modo original e espontâneo é não adulterá-la por conceitos artificiais. Esta mente, naturalmente pura, não precisa de artifícios. Sem segurar com intensidade nem deixar ir, descanse na sua própria natureza. Se não há nada para entender, então o intelecto não precisa de nada para meditar sobre. E aquele que entende é livre tanto do objeto da meditação quanto do meditador. Da mesma forma que o céu não é um objeto para o céu, sunyata não medita sobre sobre sunyata.

¹¹ Isto quer dizer: não é um objeto para a compreensão dualista.

Este entendimento não-dual é como leite na água, e assim todas as coisas se tornam imutáveis na total satisfação da integração.

2. Em segundo lugar, a suprema meditação de nunca se separar da natureza da não-meditação

Desta forma, através dos três tempos, repouse no estado original e sem limites, livre da meditação. Manter isso é o que convencionalmente chamado de meditação. Não restrinja os ventos internos, não aprisione a sua mente. Mantenha a consciência não-artificial como se você fosse uma criança¹². Quando os pensamentos e as lembranças surgirem, mantenha a presença da sua verdadeira natureza – não crie nenhuma diferença entre a água e a onda!

3. Em terceiro lugar, ilustrando por exemplos do caminho do mahamudra

A verdadeira natureza que não reifica a mente ordinária libera completamente os três princípios da interação¹³.

A mente de mahamudra não precisa desenvolver o que quer que seja e não há sequer um único átomo de algo como uma prática, por isso não há meditação. A meditação suprema nunca é separada da natureza da não-meditação: não-dual, espontaneamente co-emergente, este é o sabor da completa satisfação.

Quando há água é misturada como água, só há um sabor e, de forma semelhante, quando você se une completamente ao estado natural, a atividade de criar expectativas e conceitualizações rígidas é completamente deixada para trás.

C. Há três aspectos sobre ensinar a conduta

1. Inicialmente, mostrar que a conduta do mahamudra não é fixada por uma regra.

Maravilhoso, os yoguis que repousam no estado natural da não-dualidade não possuem a menor mácula de aceitação e rejeição. Eu nem sustento nem descarto os fenômenos, e, por isso, não digo para vocês, meus filhos, para fazer isso. Assim como esta jóia, a mente, não possui realidade substancial, da mesma forma também é a conduta do yogi.

Nós falamos sobre várias formas de construção mental mas o yogi repousa apenas em uma percepção. E uma vez que esta percepção não é uma entidade, o yogui é completamente livre das múltiplas formas de manifestação. Com essa liberdade – louca e ilimitada, mantenha a natureza da criança livre de atividade intencional.

2. Em segundo lugar, ensinando como evitar ser maculado pela situação objetiva quando agindo desta forma.

Maravilhoso! A mente é como o lótus que cresce desde o lodo do samsara: não importa quantas muitas faltas alguém tenha, a mente nunca é tocada por quaisquer uma delas. Comida

¹² Isto quer dizer: não afrouxar nem apertar, dando liberdade mas sempre mantendo a visão.

Sujeito, objeto e sua conexão.

¹³ Sujeito, objeto e sua conexão.

e bebida podem ambas trazer prazer mas também podem atormentar corpo e mente. Por isso, não importe o uso que você dê à sua vida, não se afete: nem ate-se nem se livre dos objetos.

3. Em terceiro lugar, ensinando para benefício dos seres espontaneamente na compaixão livre do desejo.

Nas ilimitadas formas de conduta da mente desperta, ao ver o tormento dos seres desorientados, lágrimas de uma imensa compaixão surgem. Doando à sua felicidade e tomando para si o seu sofrimento, você se engaja no bem-estar dos seres. Se você examinar a natureza da realidade, irá descobrir que ela é livre dos três conceitos de sujeito, objeto e a conexão entre estes. Tais conceitos não são verdadeiramente reais: são como um sonho ou uma ilusão mágica. Estando livre de todo o desejo e apego, você experimenta a alegria livre de todo sofrimento por isso atue como um mestre de ilusão realizando magia.

SEÇÃO 3

A terceira seção lida com a obtenção completa do mahamudra.

A. Ensinando a realização segura do resultado (fruto)

Primordialmente pura na natureza que é como o céu, não há a menor entidade para ser ganhada ou descartada. Este é o mahamudra livre de atividade mental, por isso não anseie por quaisquer resultados! Porque a mente se distraí com esperanças sempre foi não-nascida desde o começo, como pode haver entidades a serem conquistadas ou descartadas? Se alguém pudesse realmente possuir uma entidade real, então o que seria a doutrina dos quatro mudras?¹⁴

B. Ensinando sobre a confusão de esperar atingir algo quando não há nada para ser alcançado

Como um cervo da montanha que, quando confundido pela sede rapidamente corre na direção da sua imagem na água, o objetivo das pessoas desorientadas pelo desejo – não importa o quanto elas tentem - se distancia cada vez mais delas.

C. Não obtendo nada no fim, que significa ganhar o estado de Vajradhara

A natureza completamente pura é não-nascida desde sempre e, quando não há sequer um traço de discriminação, a consciência que cria a distinção é purificada no campo da realidade como ela é. O único nome que precisa ser aplicado é Vajradhara ('nunca se perdendo da natureza pura'). Da mesma forma que alguém vê uma miragem de água pura no vasto deserto seco, a mente que nomeia e discrimina deve ser purificada na pureza original. Não podemos falar em termos desta natureza ser imutável nem totalmente extinta.

Como a jóia e a árvore que realizam desejos, suas esperanças serão realizadas pelo poder da sua aspiração (de realizar este ensinamento). E mais: as noções convencionais deste mundo

¹⁴ Karmamudra, jnanamudra, mahamudra, samayamudra.

pertencem apenas à verdade relativa – na realidade como ela é, não há sequer uma única coisa com existência individual verdadeira.

*Este ensinamento secreto de Mahamudra conhecido como “O tesouro das canções”
(Dohakosa) surgiu do discurso do glorioso eremita Saraha.*

Foi traduzido pelo erudito indiano Vairocanaraksita.